

18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO
EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11-14/ AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS



A PAISAGEM LITORÂNEA DO FAROL DE SÃO THOMÉ:

Composição e conflitos entre urbanização e ambientes costeiros.

ST2 – Paisagens e territórios

THE COASTAL LANDSCAPE OF FAROL DE SÃO THOMÉ:

Composition and conflicts between urbanization and coastal environments.

QUINTANILHA, Vanessa Alvarenga Melo

Mestranda em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias/PPGAU-IFF | Instituto Federal Fluminense | Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil | vanessaalvarenga.arqiff@gmail.com | ORCID: 000900043808434X

QUINTO JUNIOR, Luiz de Pinedo

Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Mestre em Planejamento Urbano (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias do Instituto Federal Fluminense (IFF Campos dos Goytacazes, Centro). Brasil | luizpinedo@uol.com.br | ORCID ID: 0000-0002-0608-2524

RESUMO

Este trabalho analisa as transformações na paisagem da praia de Farol de São Thomé (Campos dos Goytacazes/RJ), fundamentando-se prioritariamente na abordagem morfológica da paisagem de Macedo, complementada de forma estrita pela compreensão socioespacial de Santos. A evolução urbana local, desde o século XVIII, reflete os ciclos da cana-de-açúcar, pesca, segundas residências e a atual dinâmica petrolífera. A pesquisa emprega revisão bibliográfica, leitura morfológica e observação social para diagnosticar o impacto do espraiamento urbano. Nota-se que a lógica econômica fragmenta o território, negligenciando a memória e a vitalidade espacial. Para análise, o artigo divide a orla em três trechos estratégicos, confrontando o adensamento construtivo com as áreas de preservação. O objetivo central é compreender como a urbanização influencia a configuração atual e se o planejamento assegura a sustentabilidade socioeconômica. Conclui-se que o processo de transformação deve converter a paisagem de um palimpsesto de objetos técnicos em um território de pertencimento, garantindo qualidade de vida e o respeito à identidade cultural da comunidade.

Palavras-chave: Farol de São Thomé; Paisagem; Projeto Orla; Campos dos Goytacazes; Leitura da paisagem litorânea.

ABSTRACT

This paper analyzes the landscape transformations of Farol de São Thomé Beach (Campos dos Goytacazes/RJ), focusing primarily on Macedo's morphological approach, complementarily supported by Santos' socio-spatial perspective. The local urban evolution, since the 18th century, reflects the cycles of sugarcane, fishing, second homes, and the current oil industry dynamics. The research employs a literature review, morphological reading, and social observation to diagnose the impact of urban sprawl. It is noted that economic logic fragments the territory, neglecting memory and spatial vitality. For the analysis, the article divides the waterfront into three strategic sections, contrasting construction density with preservation areas. The central objective is to understand how urbanization influences the current configuration and whether planning ensures socioeconomic sustainability. It concludes that the transformation process must convert the landscape from a palimpsest of technical objects into a territory of belonging, ensuring quality of life and respect for the community's cultural identity.

Keywords: Farol de São Thomé; Landscape; Waterfront Project); Campos dos Goytacazes; Coastal Landscape Reading.

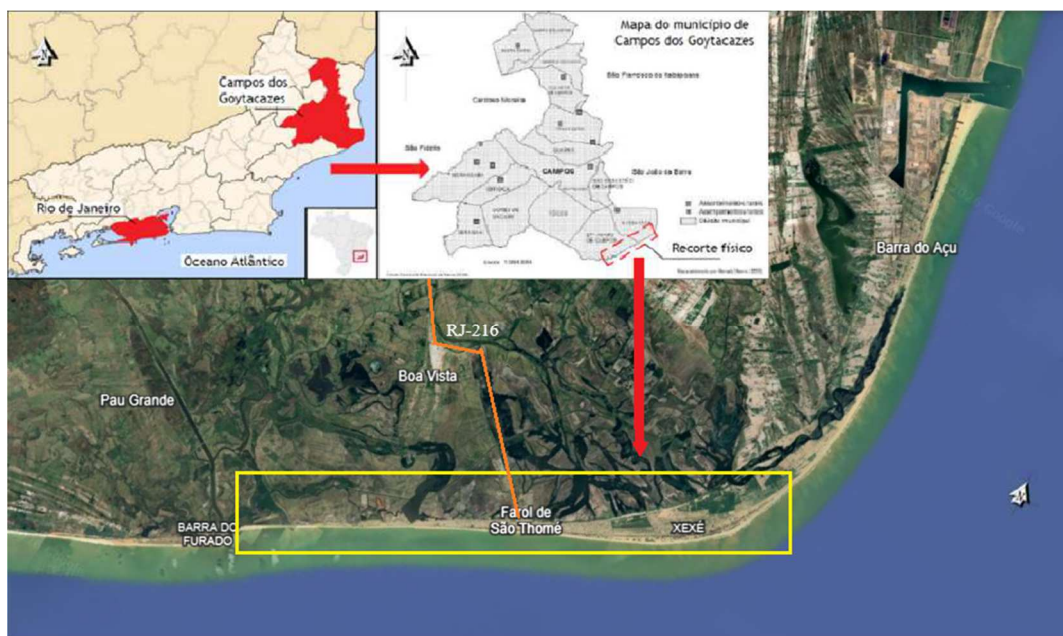
1 INTRODUÇÃO

Embora as cidades tenham surgido há milênios, a urbanização intensificou-se no século XX, transformando a cidade em um produto social moldado por forças econômicas, culturais, políticas entre outras. Nas últimas décadas, modelos de desenvolvimento focados na lógica de mercado têm gerado transformações drásticas, resultando na perda de vitalidade e na descaracterização da paisagem em contextos consolidados. Diante disso, a requalificação urbana surge como estratégia vital para atualizar estruturas sem apagar a memória espacial ou degradar a experiência do habitante.

O ambiente físico influencia diretamente nos processos cognitivos e emocionais, afetando o bem-estar e o sentimento de pertencimento. Essa percepção amplia-se para a escala da paisagem e dos espaços públicos, onde a qualidade sensorial fortalece os vínculos entre o indivíduo e o lugar.

Campos dos Goytacazes, maior município do estado do Rio de Janeiro, com 4.032 km² e população estimada de 519.259 habitantes (IBGE, 2026), foi elevado à cidade em 1835 (IBGE, 2026). O território desenvolveu-se ao longo do Rio Paraíba do Sul, eixo estruturador que impulsionou o povoamento e a produção de cana-de-açúcar, do período dos engenhos à modernização das usinas (LAMEGO, 1946). No Mapa 01 podemos ver a localização da área de estudo.

Mapa 01 - Mapa de Localização da região litorânea do município de Campos dos Goytacazes com demarcação da praia de Farol de São Thomé.



Fonte: Elaborada pela autora (2026), com base no mapa do Google Earth (2025).

A exportação do açúcar ocorria principalmente pelo Rio Paraíba do Sul até a foz em São João da Barra. Contudo, como as embarcações precisavam contornar o Cabo de São Thomé — marcado por marés bravias —, optou-se pela construção do Canal Campos-Macaé. Com 109 km de extensão, cruzando os municípios de Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus e Macaé, o

Além do Canal Campos-Macaé, diversos outros canais artificiais foram projetados na Baixada Campista, uma região marcada por grandes terrenos alagadiços. Inúmeras lagoas foram drenadas para esses cursos d'água; um deles, o Canal Quitungute, localiza-se muito próximo à região litorânea do Farol de São Thomé, conforme observado no Mapa 02 (SOUZA *et al.*, 2014).

Uso e Ocupação da Terra na Baixada Campista

Dados Cartográficos

Projeção: UTM
Datum: WGS 84
Fuso: 24S
Fonte: IBGE (2008); INEA (2011)
Escala: 1:250.000

0 3 6 12 Km

Legenda

- Agricultura (cana)
- Áreas úmidas
- Coroões arenosos
- Matagço
- Ocupação Urbana
- Pastagem
- Ressinga
- Hidrografia
- Cansa in de Baixada Campista
- Limites Municipais

Org.: Leidiana Alonso Alves
José Maria Ribeiro Mito
Data: Junho/2014

Conforme Lamego (1946), Campos dos Goytacazes era habitado pelos índios Goitacás. O Brasil enquanto colônia de Portugal teve suas terras divididas em glebas ou capitanias hereditárias, a região de interesse pertencia à capitania de São Tomé, a colonização só teve seu início a partir de 1627, quando o governador Martim Corrêa em reconhecimento pelo heroísmo das lutas contra os indígenas, doou algumas porções de terra aos sete capitães que posteriormente construíram currais de gado, próximos a Lagoa Feia e no cabo de São Tomé.

Segundo a ASHCOM (2026), a origem urbana do litoral de Campos dos Goytacazes remonta ao século XVIII, a partir da Fazenda Boa Vista. Originalmente de Pinheiro Machado, gaúcho que identificou na região semelhanças com a Lagoa dos Patos, a propriedade abrangia desde a Barra do Furado até a Barra do Açu, estendendo-se ao interior até Santo Amaro. Após o seu falecimento, sua esposa vendeu as terras a Firmino Saldanha, também gaúcho, que se mudou para a sede da fazenda, da qual resta hoje apenas uma torre em meio à vegetação. Uma vez instalado, Saldanha investiu no plantio e na pecuária, iniciando a colonização efetiva. O processo

de urbanização ganhou força quando o proprietário passou a lotear e doar terrenos aos funcionários da fazenda, estabelecendo os primeiros vínculos de moradia e ocupação permanente que moldariam a paisagem litorânea da região.

Após Firmino Saldanha iniciar o loteamento da Fazenda Boa Vista com infraestrutura básica, seus herdeiros deram continuidade ao parcelamento do solo. Esse processo gerou o primeiro "boom" de ocupação no Farol de São Thomé entre as décadas de 1930 e 1950. Na época, o acesso era complexo: os visitantes utilizavam a ferrovia até o distrito de Santo Amaro e seguiam o restante do percurso em carros de boi por estradas de terra. A rota original passava pela região do Lagamar, (área onde em períodos longínquos já foi a foz do Rio Paraíba do Sul) uma das poucas áreas secas na Baixada Campista predominantemente alagada. Para viabilizar a ocupação e o escoamento das águas, foram criadas comissões públicas e privadas de drenagem. Destaca-se a atuação do DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento), criado em 1933, responsável por obras como o Canal Quitungute (SOFFIATI, 2019). Tais intervenções foram cruciais para a transformação da paisagem. Na figura 01 podemos observar uma fotografia de 1920 da fazenda Boa Vista e na figura 02 a ruína existente nos dias atuais.

Figura 01: Fazenda Boa Vista, 1920; Figura 02: Ruína da fazenda Boa Vista, 2026



Fontes: www.praiafaroldesaothome.com.br/p/curiosidades e acervo da autora

A descoberta de petróleo na Bacia de Campos (década de 70) e a instalação da Petrobras em Macaé geraram um novo ciclo econômico em Campos dos Goytacazes, consolidando o município como um dos principais beneficiários de royalties do estado (PIQUET, 2021). Esse cenário alterou profundamente a dinâmica socioespacial da região litorânea.

Contudo, a identidade do Farol de São Thomé permanece ligada à pesca artesanal oceânica. O que começou como subsistência tornou-se uma atividade hereditária que hoje mobiliza cerca de duzentas embarcações. Devido à geologia local, que impede portos convencionais, desenvolveu-se uma dinâmica portuária inédita no Brasil, tratores são utilizados para lançar ao mar e puxar a areia embarcações (8 a 14 metros). Essa operação exige que os cascos recebam tratamentos específicos para resistir ao atrito constante com a areia. Ao longo das décadas, a fragilidade das antigas canoas (anos 60) deu lugar a embarcações robustas, projetadas para suportar as duras condições de arrebenção e o manejo mecanizado na faixa de areia.

Figura 03: Fotografia dos anos 60 de como era realizada a pescaria na praia.



Fonte: <https://www.praiafaroldesaiohome.com.br/p/curiosidades.html>

Ao longo dos anos, as embarcações cresceram para 8 a 14 metros, conforme informação de alguns pescadores. Estaleiros locais agora realizam produção e reparos, atendendo à demanda regional e fabricando barcos de lazer destinados à Região dos Lagos, consolidando a importância dessa atividade na economia da orla. A Figura 04 mostra o porto com as embarcações atracadas na faixa de areia.

Figura 04: Embarcações atracadas na faixa de areia.



Fonte: <https://www.campos.rj.gov.br>

A Figura 05 apresenta o processo de “empurrão” do trator na embarcação rumo ao oceano, conforme o tamanho e peso da mesma há a necessidade de mais de um trator para o serviço, o processo exige precisão entre o tratorista, o pescador no leme do barco com a maré, a sequência e altura das ondas, para que tenha o mínimo de erro e não cause nenhum acidente nem na entrada e nem na saída da embarcação.

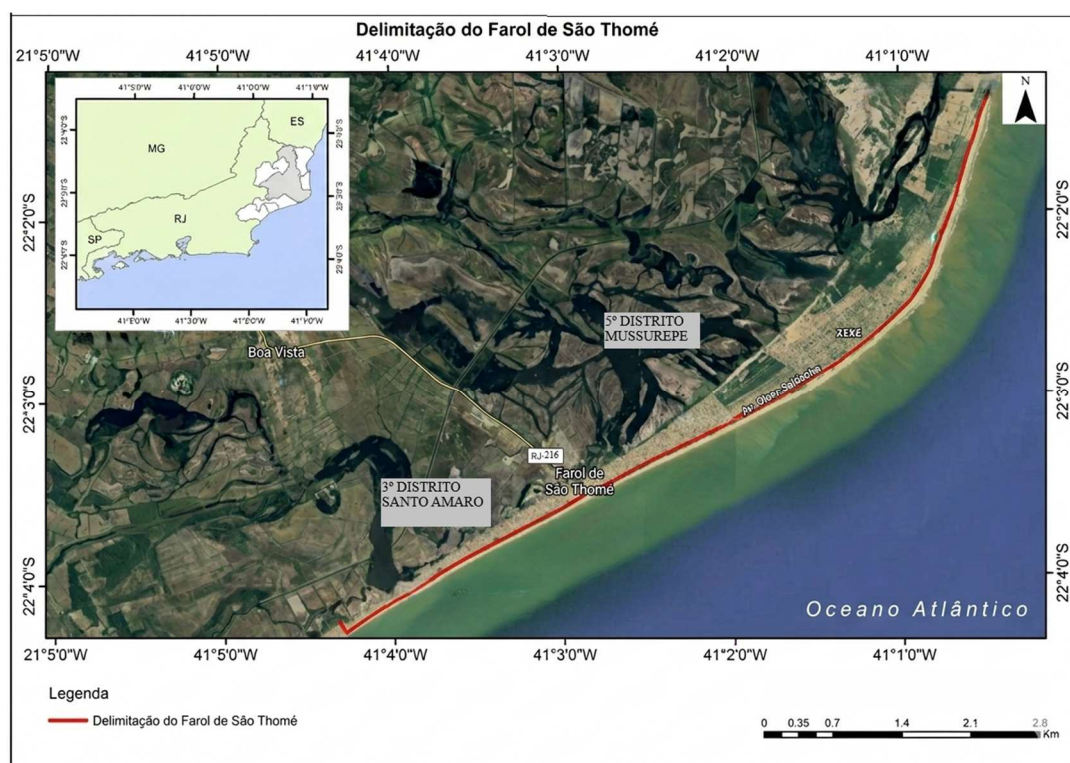
Figura 05: Fotografia das embarcações entrando no mar com suporte do trator.



Fonte: blog_pensediferente

A praia de Farol não é distrito do município, pertence a dois distritos de caráter rural, Santo Amaro e Mussurepe, o que se torna ineficiente no Plano Diretor, como podemos analisar no Mapa 03:

Mapa 03: Mapa de delimitação da orla da praia de Farol de São Thomé e indicativo dos distritos.



Fonte: Produzida pela autora

A orla do Farol e a praia como um todo já sofreram algumas intervenções urbanísticas nos últimos anos, calçamento das ruas, construção do calçadão e manutenção, instalação de equipamentos urbanos, porém aquém da necessidade real da população. Todo esse processo transforma a paisagem e o modo de percepção do espaço geográfico.

A paisagem deve ser apreendida como um conjunto, uma totalidade, e não como seus elementos considerados de maneira isolada (Troll, 1996, p.7). A paisagem engloba o subjetivo e a sensibilidade, das memórias e culturas de determinada sociedade, como o meio ambiente, compostos por elementos físicos e sociais que estão sujeitos a percepções individuais, conduzindo assim sua compreensão de paisagem.

A apreensão da paisagem litorânea exige a leitura do seu domínio visível, que se materializa na estrutura urbana. Conforme a abordagem morfológica adotada neste estudo, esse espaço visível é decomposto através das categorias de Macedo (2012): o suporte físico, os volumes construídos e o sistema de espaços livres.

Como a paisagem urbana sofre transformações profundas em curtos intervalos temporais, Relph (1987, p. 122) destaca que:

As paisagens urbanas modernas podem parecer tão estáveis e duradouras como as suas antecessoras, mas na realidade estão constantemente ameaçadas pela iminência de aniquilação completa. Apesar de toda a sua enormidade e solidez, de toda a sua sofisticação electrónica e dos cenários imaginados, as cidades modernas são as mais frágeis de toda a história. (RELPH, 1987, p.122).

Diante desse contexto, torna-se pertinente investigar: De que maneira o processo de urbanização acelerado e sem planejamento influencia a experiência espacial e distância o vínculo emocional entre indivíduos e a paisagem urbana costeira?

2 A MORFOLOGIA DA PAISAGEM LITORÂNEA

Para compreender as transformações na orla do Farol de São Thomé, este trabalho adota como eixo principal a abordagem morfológica de Silvio Macedo *et al.* (2018), que compreende a paisagem como a expressão física e tridimensional da transformação do espaço. Para Macedo (2012), a paisagem urbana é lida através de elementos interligados: o Suporte Físico (a base geográfica, como restingas e lagoas); os Volumes Urbanos (massa construída e gabaritos); o Sistema de Espaços Livres (praias, calçadas, ruas); e o Parcelamento do Solo (gerenciamento e divisão dos lotes). É através dessa lente morfológica que as tipologias de verticalização da orla (horizontal, mista, verticalizada) e as áreas de conservação ambiental (PELAG e APA Lagamar) são analisadas estruturalmente neste estudo.

Essa metodologia morfológica permite decodificar o crescimento acelerado e as profundas alterações na configuração física da região. Nas Figuras 06 e 07, que contrastam a praia do Farol de São Thomé nos anos de 1950 e 2023, evidencia-se visualmente o impacto do processo de urbanização e do adensamento populacional ao longo de sete décadas. Sob a ótica de Macedo (2012), essa transformação materializa-se na consolidação da massa construída sobre o suporte físico e na modificação da silhueta litorânea.

Destaca-se também, como elemento expressivo desse arranjo morfológico, a presença marcante das casuarinas em toda a extensão da orla. Na abordagem de Macedo, essa vegetação exótica introduzida integra a categoria dos volumes plantados, desempenhando um papel crucial na caracterização física da paisagem urbana e alterando a percepção sensorial e visual do espaço edificado.

Figuras 06 e 07: praia do Farol de São Thomé, 1950 e 2023



Fontes: www.praiafaroldesaothome.com.br/p/curiosidades e jornal online Tribuna

Contudo, para justificar as forças históricas que impulsionam a rápida alteração desses volumes e espaços livres, utiliza-se, de forma estritamente complementar, a concepção de espaço e paisagem de Milton Santos (1988, 2002). Sob essa perspectiva de apoio, a paisagem é entendida como um "acumulado de tempos", um palimpsesto que reúne a dimensão material estática e o conjunto de formas que resultam do trabalho humano acumulado. No caso do Farol de São Thomé, a morfologia urbana atual mapeada pelos critérios de Macedo funciona como o produto físico e o resultado material da sobreposição histórica de diferentes lógicas econômicas descritas pela dinâmica de Santos: a subsistência pesqueira tradicional, o loteamento para o turismo de segundas residências sazonais e, mais recentemente, o forte impacto logístico da atividade petrolífera offshore.

3 SOBRE FAROL DE SÃO THOMÉ

A história do Farol de São Thomé remete à antiga Vila de São Thomé (originalmente Praia do Furado), onde o cotidiano era ditado pela pesca de subsistência e pelos currais. O grande divisor de águas ocorreu em 1882, com a inauguração de um farol de ferro de 45 metros de altura e 216 degraus. Projetado para auxiliar a navegação e inaugurado no aniversário da Princesa Isabel, o "Gigante Vermelho" (Figura 08) tornou-se o marco em torno do qual a comunidade se fixou. A adaptação linguística para "Farol de São Thomé" (com "h") consolidou a identidade local. A ocupação evoluiu em três frentes principais: pela colônia de pescadores (base econômica tradicional e hereditária); surgimento das segundas residências a partir da metade do século XX; e o pioneirismo petrolífero, em 1959, a praia sediou a perfuração do primeiro poço estratigráfico do estado.

Figura 08: estrutura do farol em Farol de São Thomé.



Fonte: Acervo da autora

O litoral de Campos dos Goytacazes se estende por 28km entre os municípios de Quissamã, ao sul, e São João da Barra, ao norte. Com população residente de aproximadamente 14.546 pessoas (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2026), em épocas de verão essa população pode oscilar até 200 mil pessoas. O litoral está a 48km de distância do centro do município. Por toda sua extensão a praia possui algumas divergências físicas, pelo processo de formação urbana, pelo tempo que ocorreu e pelo uso do solo (residente, veraneio e atividades offshore), nesse contexto a praia possui uma média de 12.481 residências cadastradas (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2026).

A economia local baseia-se tradicionalmente na pesca artesanal oceânica, vital para a renda familiar. Contudo, a instalação de plataformas na Bacia de Campos e do heliporto, hoje gerido pela INFRA, impulsionou o setor *offshore*. Com capacidade para 2 mil passageiros diários, o heliporto gera intenso fluxo de pessoas e serviços. Essa demanda cresceu com a proximidade do Porto do Açu (35km) e tende a se expandir com a retomada do Porto de Barra do Furado.

Situada estrategicamente entre esses dois polos portuários, a praia do Farol de São Thomé enfrenta pressões crescentes de tráfego, urbanização e mudanças na paisagem. Embora possua alto potencial de desenvolvimento e crescimento populacional, o território carece de um planejamento adequado que concilie esse novo perfil socioeconômico com a preservação de suas características originais e a sustentabilidade do ambiente litorâneo.

Como ocorreu no município de São João da Barra com a instalação do porto do Açu, o processo de espraiamento foi acelerado do município com maior quantidade populacional, Campos, formando um novo núcleo urbano em São João da Barra. O mesmo pode ocorrer na praia do Farol, a baixada campista já sofre esse processo de espraiamento, a população saindo dos centros urbanos e se instalando em locais com maior liberdade, a procura do bem estar, a praia já possui inúmeras residências de veraneio, principalmente na Avenida Atlântica, o que torna esse processo mais rápido. Situação similar foi no período de Covid-19 onde quem possui essa segunda residência se deslocou para a praia, na busca de bem estar social.

Cabe o questionamento se uma praia estrangulada pelo mar e áreas alagadas, com grandes números de residências, com alguns espaços livres consegue se requalificar urbanisticamente e preservar a paisagem urbana adequada ao bem estar, sem se tornar um novo centro urbano

desconsiderando a vitalidade e a experiência espacial dos habitantes e por conseguinte a sensação de pertencimento da região.

A praia do Farol não possui status de distrito, dividindo-se entre as áreas rurais de Mussurepe e Santo Amaro. Essa fragmentação administrativa compromete a aplicação do Plano Diretor e o desenvolvimento de políticas socioeconômicas e ambientais integradas. Tradicionalmente estigmatizada pelo poder público como um espaço de lazer restrito ao verão, a orla tem passado por transformações. Através da atuação da ASHCOM, eventos como festivais gastronômicos, de inverno e festas juninas movimentam a região o ano todo. Essa nova dinâmica rompe a sazonalidade, gera fluxo econômico constante e pressiona por novos incentivos públicos. É fundamental que o planejamento municipal reconheça essa realidade, tratando a praia não apenas como balneário temporário, mas como um núcleo urbano vivo e em crescimento.

3.1 Agentes modificadores da paisagem

Segundo Macedo, *et al.* (2018) a paisagem é constituída pela expressão morfológica da transformação do espaço físico face às mudanças sociais e/ou ambientais em um determinado espaço-tempo. Macedo (2012) salienta que a morfologia da paisagem urbana de um determinado momento é caracterizado por alguns elementos interligados: Suporte Físico (base da estrutura urbana, composição geográfica e como a urbanização vence esses desafios); Volumes Urbanos (engloba todo volume construído e volumes plantados, caracterizando fisicamente a paisagem urbana); Espaços Livres (qualquer espaço destinado ao uso urbano ao ar livre); os Seres Vivos (em especial a vida humana, que modifica o espaço em geral e importância da vegetação para função ambiental e composição da paisagem) e Parcelamentos (o gerenciamento, parcelamento e ocupação do solo).

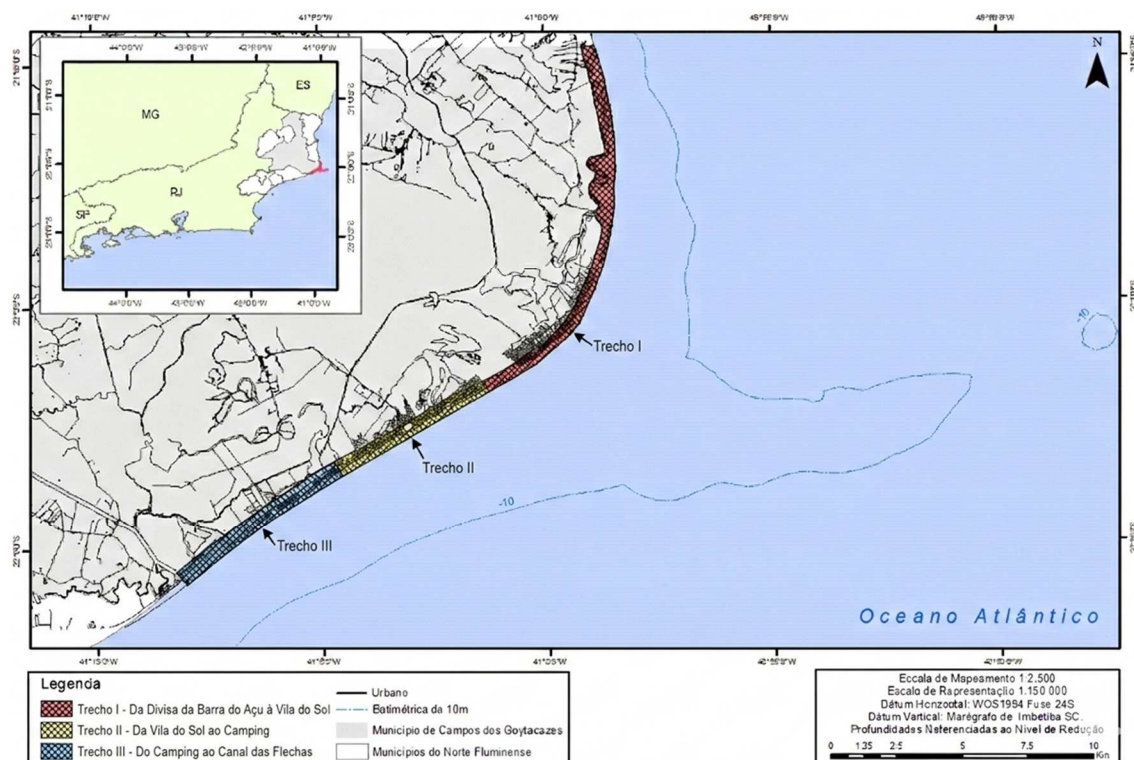
A urbanização costeira no Farol de São Thomé apresenta ocupação linear e descontínua, com lotes horizontais e serviços voltados ao setor *offshore* e turismo, articulados pela Avenida Atlântica. Enquanto o espraiamento rural fragmenta propriedades próximas a núcleos urbanos, no litoral esse processo é impulsionado pelo mercado imobiliário, que comercializa o lazer e o descanso, transformando a paisagem em um produto de consumo. A rápida transformação morfológica do Farol de São Thomé expõe modelos de ocupação muitas vezes uniformizadores que ignoram as especificidades biofísicas do território. Esse crescimento urbano acelerado tensiona o sistema de espaços livres (Macedo, 2012), refletindo o que Santos (1988) caracteriza como a imposição de uma lógica econômica de mercado que transforma a paisagem litorânea em um produto de consumo, fragmentando os espaços de sociabilidade e a memória local.

No Farol de São Thomé, o crescimento urbano acelerado, impulsionado pelo heliporto e complexos logísticos, transforma rapidamente áreas formais e informais. Esse cenário desequilibra o sistema de espaços livres, comprometendo a acessibilidade, a sociabilidade e a qualidade ambiental. A desconsideração das relações entre o meio ambiente e as demandas sociais em intervenções humanas é a raiz de muitos problemas na paisagem atual. O estudo dessa região, marcada por restingas, lagoas e rios, exige uma metodologia que respeite as especificidades biofísicas locais. Somente uma abordagem integrada pode garantir um ambiente saudável e a preservação do patrimônio natural diante das pressões urbanas. Assim, o planejamento deve mediar a ocupação humana e a conservação dos recursos hídricos e da fauna, assegurando que o desenvolvimento econômico não destrua a identidade e o equilíbrio ecológico do litoral campista.

4 LEITURA DA PAISAGEM

Conforme a área estudada, o litoral de Campos dos Goytacazes, a praia de Farol de São Thomé há alguns dados relativos à leitura dessa região. O Mapa 04, a seguir, possui as delimitações dos trechos a serem analisados. O Trecho I compreende da divisa da Barra do Açu ao início da Vila do Sol, o Trecho II da Vila do Sol ao Camping e o Trecho III do Camping ao Canal das Flechas.

Mapa 04: Mapa de delimitação dos trechos urbanizados na orla da praia de Farol de São Thomé.



Fonte: Produzida pela autora

Como primeira tipologia, analisam-se as características físicas: a orla do Farol é exposta, linear e contínua, com alta renovação de águas e zona de arrebenção desenvolvida. Apresenta areia de granulometria média e grossa, acompanhada por dunas baixas e vegetação de restinga.

A segunda tipologia foca nos níveis de ocupação e adensamento populacional, em quatro estágios: Orla não urbanizada (áreas de baixíssima ocupação com paisagens originais); Orla em processo de urbanização (adensamento baixo ou médio, com ocupação recente, iniciando a transformação da paisagem); Orla com urbanização consolidada (áreas de alto adensamento e multiplicidade de usos, com a paisagem bastante modificada); Orla de interesse especial (destinada a fins institucionais ou específicos, como unidades de conservação (PELAG), áreas militares e zonas de tráfego aquaviário).

Dada a extensão de 28km da orla, os trechos englobam múltiplas tipologias. O Trecho I caracteriza-se predominantemente como orla não urbanizada, embora apresente áreas em processo de urbanização. Por integrar o Parque Estadual da Lagoa do Açu (PELAG), configura-se também como orla de interesse especial. Já o Trecho II é o núcleo de maior adensamento,

definido como urbanização consolidada e de interesse especial, abrigando a base da Marinha, o porto pesqueiro e sedes do Projeto TAMAR e INEA. A região possui um "estrangulamento" geográfico entre o mar e áreas alagadas. Grande parte desse território, que está no distrito de Mussurepe, é gerida pelo PELAG/INEA, há 14 anos, o parque atua na conservação de restingas, banhados e lagoas (como a do Açú e a Salgada), essenciais à proteção costeira (RIO DE JANEIRO, 2012). Suas ações abrangem gestão territorial, educação ambiental, pesquisa e turismo sustentável, combatendo irregularidades em um ecossistema fundamental para a resiliência da paisagem, a área de atuação pode ser vista no Mapa 05.



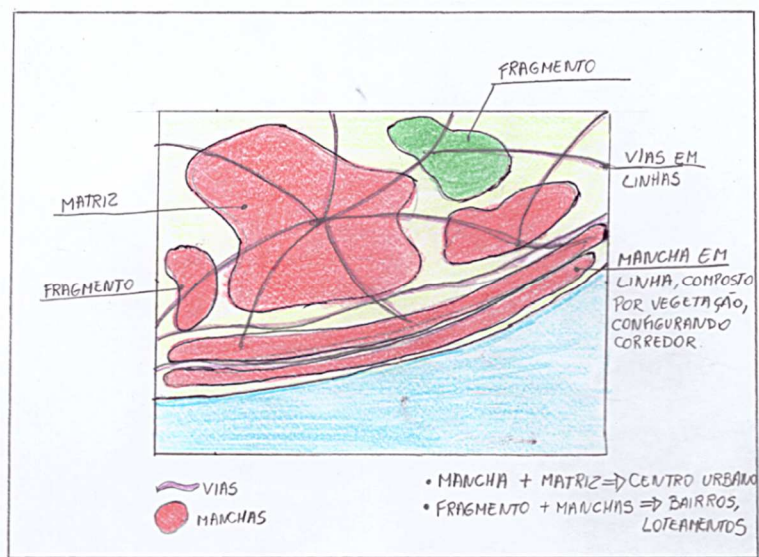
Fonte: INEA (2012).

O Trecho III, possui a tipologia de orla em processo de urbanização, orla não urbanizada e orla com interesse especial, pois engloba a APA do Lagamar (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2017), que tem por finalidades a proteção dos recursos hídricos, da fauna e flora associadas ao sistema de lagoas da região, a área é sujeita a planos de manejo para compatibilizar ocupação humana, turismo e preservação.

A forma da orla não define uma paisagem, já que representa a relação física com os corpos d'água e o mar, mas contribui para a definição de uso e para o planejamento de gestão. A paisagem é representada por um conjunto de elementos ligados entre si, onde estão o físico, as diversas formas de cobertura vegetal (nativas ou não), os assentamentos urbanos, áreas portuárias, militares e de natureza especial.

Conforme os fundamentos do Projeto Orla (Brasil, 2002), a gestão costeira exige a identificação de quatro elementos da micropaisagem: Suporte físico (áreas construídas e vegetação); Drenagem (bacia hidrográfica e lagoas); Cobertura vegetal (nativa ou não); e Tecido urbano (estruturas de atividades sociais). Essas manchas formam matrizes complexas, urbanas ou vegetais, organizadas em corredores (linhas contínuas que conectam diferentes áreas) e fragmentos (que são segmentos isolados na paisagem). A percepção dessas coberturas é um parâmetro vital de diagnóstico. Para ilustrar essa dinâmica, elaborou-se um croqui (Figura 09) que representa, de maneira macro, as escalas de mancha, corredor e fragmento. Essa análise espacial permite compreender como o desenvolvimento urbano interfere nos fluxos ecológicos e na conectividade do território litorâneo.

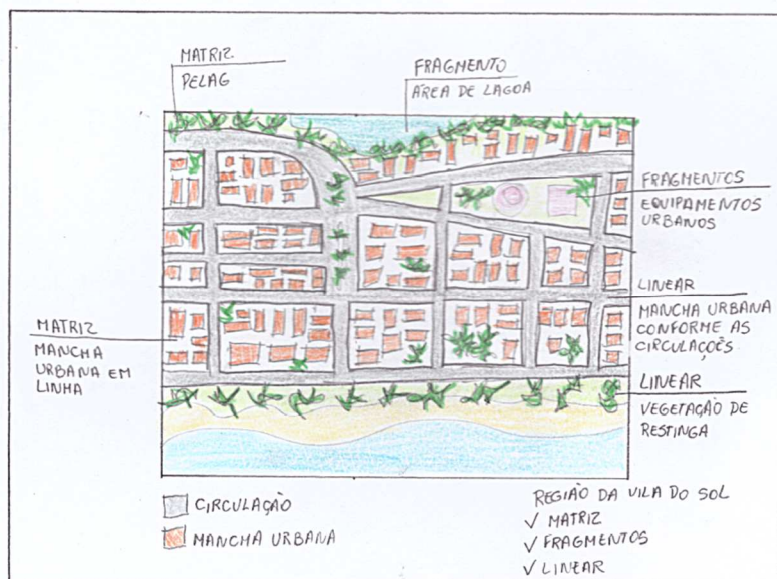
Figura 09: representação gráfica de forma abstrata do sistema de manchas.



Fonte: Produzida pela autora

Já na Figura 10, temos um recorte de um trecho na Vila do Sol, área mais ao norte do Trecho II, composto por um nível maior de adensamento populacional, onde podemos analisar a linearidade de alguns aspectos urbanísticos, a mancha urbana, a matriz como área verde de preservação do PELAG e alguns pontos de fragmentos.

Figura 10: representação gráfica de forma abstrata do sistema de manchas.



Fonte: Produzida pela autora

Conforme a área estudada, nos 03 trechos, temos a presença de inúmeras construções convencionais com diversas formas de uso (habitacional, comércio e serviço), em formato formal (loteamentos estruturados dentro dos padrões regulares, com arruamentos retilíneos) e informal (lotes gerados por ocupações irregulares, sem padrões definidos). Um exemplo prático é a Vila dos Pescadores, área na chegada da praia que passou por processo de aterro das lagoas e construções irregulares. Recentemente, de acordo com a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (2025), a área recebeu as obras do projeto Bairro Legal (programa municipal) onde ocorreram melhorias em pavimentação, iluminação, drenagem e rede de esgoto. Atualmente, é o único local da praia com rede de tratamento de esgoto, enquanto as demais residências utilizam o sistema de fossa séptica.

No Trecho II encontramos na malha a presença de um porto, para atracagem de embarcações de pesca da região. Como já dito anteriormente esse porto tem características específicas, as embarcações são puxadas/empurradas ao oceano com o auxílio de tratores, atualmente funciona com aproximadamente 2 centenas de embarcações, uma peixaria (com área de armazenamento) e um ponto específico para venda em larga escala, denominada “pedra”.

O acesso à orla marítima ocorre de forma direta por ruas transversais que desembocam na Avenida Atlântica (ou Olavo Saldanha). No Trecho II, destaca-se o calçadão de 3 km, entre a Rua Custódio Gomes da Silva e o Camping, de 3m de largura com quiosques, via interna e um segundo passeio para estacionamento. Esses calçadões funcionam como corredores lineares e manchas, caracterizados pela presença de casuarinas, vegetação exótica que se estende por toda orla. Este é o principal ponto de encontro e lazer da praia. Nos demais trechos, o acesso mantém o padrão direto de malha ortogonal, conforme ilustrado nos croquis da Figura 11. Essa configuração estrutural define a dinâmica de uso público e a percepção visual da orla.

Figura 11: Duas representações da forma direta de acesso à beira-mar, a primeira imagem mostra a área mais central do Trecho II, onde tem o calçadão e a segunda a área mais lateralizada do mesmo trecho,

sem a presença do calçadão.



Fonte: Produzida pela autora

Continuando à avaliação da forma urbana, a orla pode ser classificada por seu estágio de verticalização: Horizontais (casas ou prédios de até 3 pavimentos); Verticais (acima de 3 pavimentos, subdividindo-se em verticalizada baixa, até 5 andares e orla verticalizada, quando ultrapassa o 5º andar); e Mista (transição entre os modelos). No Farol de São Thomé, os Trechos I e III são exclusivamente horizontais. Já o Trecho II apresenta um estágio misto. Embora a maioria das construções ainda seja horizontal, o setor já abriga edifícios que superam os três pavimentos e um exemplar que ultrapassa o 5º andar. Essa transição reflete a maior pressão imobiliária e a centralidade econômica deste trecho, sinalizando uma mudança na silhueta da praia.

Os croquis detalham o gabarito e a morfologia da orla. A Figura 12 (Trecho I) mostra uma urbanização em formação, limitada pela preservação do PELAG. A Figura 13 (Trecho II) revela a urbanização consolidada, com sistema de calçadões, quiosques e escassos espaços livres.

Figura 12: Croqui Trecho I (Xexé)

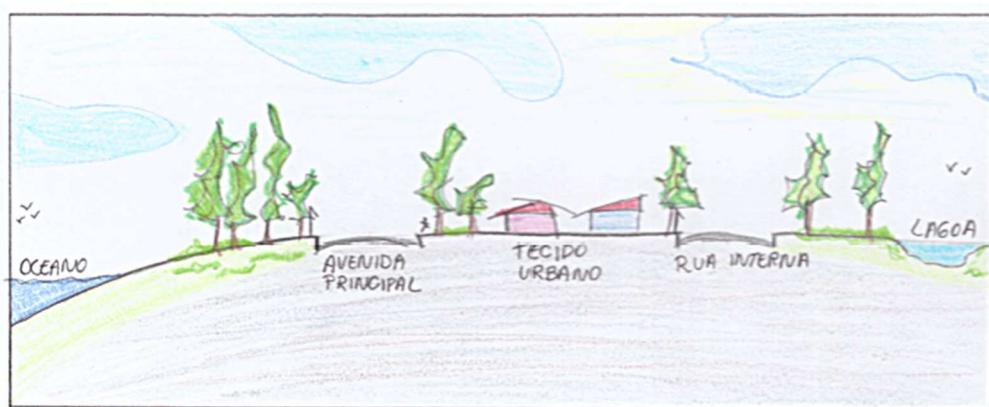
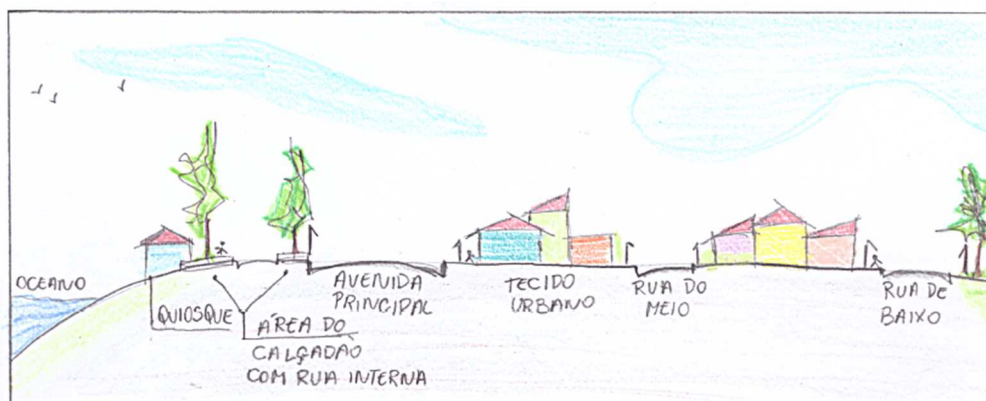


Figura 13: Croqui Trecho II (Centro)



Fonte: Produzida pela autora

A Figura 14 (Trecho II) destaca a área de atracação e o início da verticalização na Avenida Atlântica, indicando uma tendência de adensamento. Por fim, a Figura 15 (Trecho III) ilustra uma área em processo de urbanização e interesse especial (APA Lagamar), evidenciando o desnível entre a orla e a lagoa, espaço de lazer infantil com ocupação de baixo impacto.

Figura 14: Croqui Trecho II (Centro)



Figura 15: Croqui Trecho III (Lagamar)



Fonte: Produzida pela autora

As observações físicas revelam que a ação humana é o principal componente estruturador da região, exigindo uma análise das dinâmicas socioespaciais. A orla concentra atividades de comércio (quiosques, bares e ambulantes), lazer (banho de mar, pesca e esportes sazonais) e produção, marcada pelo extrativismo pesqueiro e pelo suporte à indústria petrolífera *offshore*. Essa multiplicidade de usos evidencia a praia como um território de interface entre a economia tradicional e a logística offshore.

Outro aspecto é sobre a classificação da orla, segundo os parâmetros do Projeto Orla (BRASIL, 2006), é essencial para definir níveis de preservação e uso do solo. Essa categorização fundamenta o planejamento estratégico e a tomada de decisões: Classe A (Preservação): Presente nos Trechos I e III. Caracteriza-se por baixíssima ocupação, alta originalidade e baixo potencial poluidor. Prioriza a conservação das funções naturais, com urbanização de pequeno porte restrita a fragmentos isolados; Classe B (Transição): Identificada nos Trechos I e II, apresenta adensamento médio e ocupação recente. Os usos devem ser compatíveis com a qualidade ambiental, exigindo que a vegetação ocupe mais de 50% da área. Configura-se por manchas e corredores habitacionais ou turísticos; Classe C (Consolidação): Encontrada no Trecho II, marcada por alto adensamento, paisagem alterada pelo homem e multiplicidade de usos. Possui alto potencial de poluição (sanitária, sonora e visual) e uma mancha urbana contínua que excede o turismo. A classificação da orla integra o processo estratégico de planejamento múltiplo, que busca complementar os subsídios para a tomada de decisões necessárias ao alcance dos objetivos desejados.

Em suma, a economia local baseia-se na pesca oceânica e no setor *offshore*, impulsionado pelo heliporto e Porto do Açú, que demandam vasta rede de hotéis e pousadas. Contudo, a população enfrenta a ineficiência do transporte público e a escassez de mobilidade urbana no acesso ao centro de Campos. O tecido urbano é composto majoritariamente por residências de até dois pavimentos, embora o comércio e serviços ampliem esse gabarito. A região possui equipamentos públicos e de segurança, como postos de saúde, policiamento, bombeiros e rodoviária, além de sedes administrativas do INEA e TAMAR, concessionárias de serviços e áreas de proteção ambiental (APA do Lagamar e PELAG). Na Avenida Atlântica, observa-se que grande parte das edificações possui caráter de segunda residência, evidenciando a forte pressão imobiliária comum a áreas costeiras. Essa configuração revela que o processo de urbanização no Farol de São Thomé não é uniforme; ele ocorre de forma e tempo distintos em cada trecho da praia, refletindo os diferentes perfis de ocupação, entre lazer sazonal, moradia fixa e suporte logístico industrial.

Outro ponto importante é a defasagem na fiscalização e a ausência de uma legislação específica prejudicam a gestão da praia. Sem status de distrito, o território sofre com um Plano Diretor desatualizado. A falta de controle sobre o gabarito, a taxa de ocupação e a poluição sonora de bares em zonas residenciais compromete o ordenamento urbano.

Com o avanço do desenvolvimento da região, principalmente no entorno, com o Porto do Açú e a retomada da construção do Porto da Barra do Furado, há a necessidade de uma política pública planejada para a urbanização consciente da praia, respeitando as áreas ambientais, a origem e a cultura da população, a paisagem litorânea urbanizada de forma coerente e assertiva.

A fim de compreender a paisagem urbana litorânea deve-se levar em consideração os diversos processos de reprodução social e produção do espaço, os quais são determinados pelos desejos e valores de determinado período. A cultura, pelas imagens e memórias, exerce uma grande importância nesse processo de interpretação da paisagem, sendo necessária para que sejam

envolvidos a percepção sensorial e o subjetivismo, inerentes à perspectiva de como o indivíduo vivencia o espaço e consequentemente o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise revela que a praia do Farol de São Thomé não é apenas um espaço de lazer, mas um território onde a natureza e a ação humana disputam espaço. A orla encontra-se "espremida" entre o avanço do mar e áreas de preservação sensíveis, como o PELAG e a APA do Lagamar, evidenciando a fragilidade do seu suporte físico. Esse cenário exige que o planejamento territorial deixe de ser um conjunto de regras frias para se tornar uma política pública que proteja o sistema de espaços livres como patrimônio coletivo.

A urbanização ocorreu de forma heterogênea: enquanto o Trecho II concentra o comércio, o porto e edificações mais altas, os demais trechos preservam casas baixas e maior conexão natural. Contudo, a carência de saneamento básico e a informalidade em algumas áreas evidenciam a necessidade de uma atuação estatal que garanta infraestrutura e dignidade aos moradores.

A paisagem local é marcada pelo contraste entre a tradição da pesca artesanal e o impacto de grandes complexos, como o Heliporto e os Portos do Açú e Barra do Furado. Essa dinâmica gera conflitos de vizinhança e pressão imobiliária por segundas residências sazonais. O atual Plano Diretor mostra-se defasado para mediar essas particularidades, demandando normas que respeitem o modo de vida local.

Para um crescimento saudável, as políticas públicas devem enxergar a orla de forma integrada, protegendo restingas e lagoas enquanto investem em transporte e serviços. A arquitetura da paisagem deve ser a ferramenta para organizar o território, impedindo que o desenvolvimento econômico apague a memória e a beleza natural.

No campo acadêmico, esta pesquisa serve como alerta: o ensino e a extensão devem promover um planejamento que respeite a cultura e os limites ambientais. A força da indústria do petróleo não pode anular as características únicas da região. A urbanização futura deve ser consciente, assertiva e igualitária, transformando a paisagem em um espaço de pertencimento e qualidade de vida para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lidiane Aparecida. Representações das transformações espaciais: breves considerações sobre a paisagem urbana. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 119-129, jul./dez. 2008.

ASHCOM – ASSOCIAÇÃO DE HOTÉIS, COMÉRCIO E SIMILARES. **Institucional**: conheça a ASHCOM. Campos dos Goytacazes: ASHCOM, 2026. Disponível em: <http://www.ashcom.com.br>

BRASIL. **Decreto Estadual nº 43.522, de 20 de março de 2012**. Cria o Parque Estadual da Lagoa do Açú – PELAG. Rio de Janeiro: Governo do Estado, 2012. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/conheca-as-unidades-de-conservacao/parque-estadual-da-lagoa-do-acu/>

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Projeto Orla**: fundamentos de uma gestão integrada. Brasília, DF: MMA; SPU, 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Projeto Orla**: manual de gestão. Brasília, DF: MMA; SPU, 2002.

CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ). Decreto nº 97, de 10 de maio de 2017. Institui normas para a regularização de áreas costeiras e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Campos dos Goytacazes**, Campos dos Goytacazes, RJ, 11 mai. 2017.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Prefeitura Municipal. **CIDAC**: Centro de Informações e Dados de Campos. Campos dos Goytacazes: PMCG, [2026]. Disponível em: <https://cidac.campos.rj.gov.br/>.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Prefeitura Municipal. **Farol de São Thomé ganha nova sinalização turística**. Campos dos Goytacazes: PMCG, 2024. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=88224.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Prefeitura Municipal. Obras do Bairro Legal na Vila dos Pescadores serão inauguradas neste sábado. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**, Campos dos Goytacazes, 19 dez. 2025. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=101562.

EDUARDO, Thamires de Azevedo; WERNECK, Camila Pessanha; BULHÕES, Eduardo Manuel Rosa. A importância da orla do Farol de São Thomé para Campos dos Goytacazes, RJ e sua inserção no Plano Diretor. **Caderno de Estudos Geoambientais (CADEGEO)**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 74-88, 2017.

FAES, Allan Soto. **Sistema de espaços livres na região litorânea**: estratégias propositivas para núcleos urbanos de Farol de São Thomé e Xexé em Campos dos Goytacazes. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias) – Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2021.

FARIA, Teresa de Jesus Peixoto; QUINTO JUNIOR, Luiz de Pinedo. Os canais como estruturadores do espaço urbano: os projetos de Saturnino de Brito para Campos dos Goytacazes/RJ e Santos/SP. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 10., 2008, Recife. **Anais [...]**. Recife: ANPUR, 2008. v. 1.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Campos dos Goytacazes**: panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/panorama>.

INSTAGRAM. **@blog_pensediferente**. Postagem sobre Farol de São Thomé. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DTvGA0kjSWC/>.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Restinga**. Rio de Janeiro: IBGE, 1946.

LOPES-JUNIOR, Wilson Martins. Turismo de segunda residência na orla do distrito de São Tomé em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 27-38, 2015.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Edusp, 2012. cap. 1, p. 53-72.

MACEDO, Silvio Soares *et al.* **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

PRAIA DO FAROL DE SÃO THOMÉ. **Curiosidades sobre o Farol**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.praiafaroldesaothome.com.br/p/curiosidades.html>.

PIQUET, Rosélia (Org.). **Norte Fluminense: uma região petrodependente**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

RELPH, Eduard C. **A paisagem urbana moderna**. Rio de Janeiro: Edição 70, 1987.

RIO DE JANEIRO (Estado). Decreto nº 43.522, de 20 de março de 2012. Cria o Parque Estadual da Lagoa do Açu e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Victor dos Santos; ALVES, Leidiana Alonso; MIRO, José Maria Ribeiro; CUNHA, Sandra Baptista da. Caracterização do Canal Coqueiros: dos problemas ambientais urbanos ao conflito pelo uso da água na zona rural – Campos dos Goytacazes/RJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: AGB, 2014.

TRIBUNA NF. **Farol de São Thomé pronto para o verão de todos nós 2024 com ordenamento e segurança**. Tribuna do Norte Fluminense, 2024. Disponível em: <https://www.tribunanf.com.br/farol-de-sao-thome-pronto-para-o-verao-de-todos-nos-2024-com-ordenamento-e-seguranca/>.

TROLL, Carl. A Paisagem Geográfica e sua investigação. **Espaço e Cultura – NEPEC**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-7, jun. 1996.